



RESENHAS CRÍTICAS

Enduring the Freedom: A Rogue Historian in Afghanistan de Sean M. Maloney. Potomac Books (<http://www.potomacbooksinc.com>), 22841 Quicksilver Drive, Dulles, Virginia 20166, 2006, 320 páginas, US \$22,00 (capa dura), US \$15,16 (brochura).

Historiador militar, diplomado pela *Temple University*, o Dr. Sean M. Maloney foi oficial do exército canadense e atualmente leciona no Real Colégio Militar do Canadá para o Programa de Estudos de Guerra. Na primavera de 2003, viajou ao Afeganistão, a fim de estudar as operações da *International Security Assistance Force-ISAF*. Em *Enduring the Freedom: A Rogue Historian in Afghanistan*, documenta o tempo passado na *ISAF*, em Cabul e com as forças norte-americanas em Bagram e Kandahar.

Em geral, *Enduring Freedom* foi bem redigido. É boa leitura e oferece ao leitor ótimo ponto de vista histórico das operações norte-americanas e aliadas no Afeganistão, após a queda do Talibã, algo que não havia sido difundido anteriormente. A melhor parte, sem dúvida, é a respeito do autor interagindo com as várias forças nacionais. Bom narrador, Maloney usa a atenção a detalhes para descrever vividamente o interior do país, recontando, de forma verídica, as conversas com soldados, burocratas e outros. As narrativas de suas patrulhas fazem com que o leitor perceba a missão clara e real naquele país. Por exemplo, Maloney conta o episódio de uma patrulha com a guarnição de um batalhão alemão de *Gebirgsjaegers* (caçadores de montanha). Ao passarem por Cabul, um táxi bate em um dos veículos. Embora causasse apenas pequeno arranhão, o motorista imediatamente atrai uma multidão, exigindo, aos berros, indenização dos alemães e empurrando os membros da patrulha. O líder alemão, um sargento, rapidamente coloca-se a frente, dizendo ao motorista para acompanhá-los à delegacia local, a fim de chegar a um acordo de compensação. Na chegada, o motorista do táxi é conduzido a uma sala nos fundos e volta brevemente para pedir desculpas aos alemães. O sargento alemão recusa-se em aceitar o pedido de desculpas, porque acredita ser insincero. Depois de ser levado outra vez à sala dos fundos, o afegão oferece suas desculpas de forma mais condizente e, tanto ele como a patrulha, retornam ao trabalho. Esse episódio ilustra a dificuldade da missão no país. Exige que oficiais subalternos e sargentos processem da-

dos rapidamente, entendam as inferências políticas, percebam as diferenças culturais e ao, mesmo tempo, mantenham-se em segurança. *Enduring the Freedom* deixa tudo isso muito claro. O Dr. Maloney também passa por dilema, se deve ou não ceder à fofoca, recontando algumas reuniões no interior do país com o intrépido correspondente de guerra Geraldo Rivera, bem como encontros com famoso, se bem que não identificado, reporter europeu.

Apesar de tudo, o livro contém seus pontos fracos. Na seção que trata do contexto histórico do conflito, ao tentar explicar como o Afeganistão tornou-se o alvo principal após os ataques terroristas de 11 de setembro, simplesmente tenta colocar muito em pouco espaço. Em apenas 21 páginas, descreve a relação entre o Afeganistão e o Paquistão, o desenvolvimento do islamismo radical, a guerra afegã-soviética, o apoio do ocidente aos Mujahedin, a ascensão do Talibã, o efeito do colapso da União Soviética na Ásia Central, como surgiu a Al-Qaeda e suas operações que culminaram com os ataques de 11 de setembro. Ao chegar ao fim estava quase sem fôlego. Além disso, é evidente o preconceito pessoal. Não oferece elogio algum ao governo canadense, a acadêmicos ou à mídia. Seu afeto para com os soldados em suas patrulhas é óbvio – parecem ter seu apoio incondicional. Mas é lâmina de dois gumes. Melhora a qualidade do livro, porque revela sentimentos verdadeiros. Contudo, a suspeita existe de que certos relatos pouco lisonjeiros, acerca das patrulhas, foram omitidos para proteger os soldados. Apesar disso, recomendo *Enduring the Freedom*, simplesmente porque há pouco material sobre o dia a dia do ambiente operacional no Afeganistão. O autor é bom narrador, transportando o leitor à ação e, por mais clichê que pareça, a sensação é de que fazemos parte da mesma. Em muitos aspectos, traz à mente algumas das melhores memórias escritas sobre o Vietnã. Pode ser que as atividades descritas contenham apenas pequena parte da operação global, mas ao final da narrativa compreendemos melhor a situação e valorizamos mais os jovens, homens e mulheres que lá prestam seu serviço militar.

Lt Col James J. McNally, *USAF, Reformado*
Tampa, Florida

The Last Crusade: Americanism and the Islamic Reformation de Michael A. Palmer. Potomac Books (<http://www.potomacbooksinc.com>), 22841 Quicksilver Drive, Dulles, Virginia 20166, 2006, 284 páginas, US \$21,56 (capa dura), US \$14,36 (brochura). Disponível a partir de janeiro de 2008.

A editora *Potomac Books* classifica *The Last Crusade* de história / relações públicas, o que é correto, porque o livro começa como história, mas muda o enfoque, tratando das razões políticas da guerra no Iraque. Inicialmente, aborda a história do desenvolvimento do islã desde o século VII até o presente, traçando a ascensão e o declínio da civilização islâmica, de sua fundação, através do Império Otomano, até o atual Oriente Médio. Quando necessário, a obra compara a estrutura muçulmana centrada no estado, à abordagem europeia, mais livre, bem como à civilização islâmica à cristã. Na maioria das vezes, conclui que o islã vai aquém do cristianismo como gerador de civilização vibrante e progressista. É quase predestinado.

Segundo o autor, o mundo muçulmano cometeu três erros crassos: rejeitou a imprensa, deixou de separar a Igreja do Estado, e segregou os elementos progressistas – cristãos e judeus que participavam em comércio e transações monetárias. Repetidamente, quando confrontados com a opção entre progresso e tradição, optaram pela tradição. Sua civilização, uma vez vibrante, estagnou.

Enquanto o islã enterrava a cabeça na areia, o primitivo mundo europeu reagia de forma distinta, ao encarar as mesmas situações. Em lugar de tradição, optou pelo progresso. Rapidamente o ocidente estava a caminho de crescimento e expansão capitalista, que acabaria conquistando o mundo inteiro — inclusive o Oriente Médio.

Ao abandonar o tema histórico, que mais parece uma introdução à afirmação política, Palmer dirige-se a assuntos contemporâneos. Interpreta Osama bin Laden como líder de linhagem islâmica legítima, tacitamente virulenta, mas não o desvio

do islã que o Presidente George Bush mencionava de passagem. O autor rejeita o argumento de que bin Laden luta contra a presença ocidental no Oriente Médio. Ao contrário, declara que bin Laden luta contra a totalidade da história ocidental, especialmente o desenvolvimento de um estado secular. Bin Laden, na verdade, exige e está pronto a dar a vida, a fim de estabelecer – um mundo muçulmano. Nada o deterá. Para reiterar, sua abordagem é uma das três variações principais do islã.

Palmer adverte que os Estados Unidos primam em ir além de sua natureza para fazer o impensável. Se houver um ataque nuclear de militantes islâmicos (e Palmer acha que provavelmente haverá), então os Estados Unidos, sem dúvida, liberarão a fúria nuclear.

Samuel Huntington, que prediz um “choque de civilizações” no mundo atual, influi muito nesse trabalho. Precisamente, Palmer observa que existe uma divisão de pontos de vista do mundo e civilizações entre cristãos americanos e muçulmanos do Oriente Médio, sem a possibilidade de fusão. Rejeita até mesmo os neoconservadores que gostariam de americanizar ou provocar uma reforma no Oriente Médio, afirmando que Osama bin Laden está levando a efeito a única reforma para o Islã. Para Palmer, o ocidente cristão e o Oriente Médio islâmico são incompatíveis, presos em luta mortal com a possibilidade de apenas um vencedor.

The Last Crusade não é estudo formal, pelo menos não do tipo acadêmico. Possui bibliografia, o autor é um historiador, mas a narrativa segue o estilo de *Newt Gingrich* — tem propósito. Parece que Palmer vai além de escolher só os peritos de renome, mas não identifica suas fontes de forma consistente e não usa notas de rodapé, tornando difícil verificar se as fontes são precisas e completas. Não rejeitaria o trabalho, mas a abordagem deve ser cuidadosa. Aconselho a leitura de Juan Cole para obter maior equilíbrio.

Dr. John H. Barnhill
Houston, Texas